

COMPORTAMENTO SEXUAL DE UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DA SAÚDE EM UMA UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL

Renata Becker Jucá¹

Almerindo A Boff²

Resumo: Observa-se, mesmo entre universitários, que muitos jovens se expõem a diversos comportamentos sexuais de risco, como sexo desprotegido, expondo-se a ocorrências indesejadas como infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e gravidez não planejada, entre outras. Este estudo apresenta uma revisão da literatura recente sobre o assunto, bem como um levantamento de aspectos do comportamento sexual de acadêmicos de cursos da área da saúde em uma universidade do sul do Brasil (UNISC), identificando os riscos do seu comportamento sexual. Os autores concluem afirmando a importância da implementação de ações educacionais específicas dirigidas aos universitários visando a diminuição da prevalência de comportamentos sexuais de risco nesta população.

Palavra Chave: sexualidade; universitários; comportamentos de risco; IST; gravidez indesejada

Resumen: Se observa, incluso entre universitarios, que muchos jóvenes se exponen a diversos comportamientos sexuales de riesgo, como sexo desprotegido, exponiéndose a ocurrencias no deseadas como infecciones sexualmente transmisibles (ISTs) y embarazo no planificado, entre otras. Este estudio presenta una revisión de la literatura reciente sobre el tema, así como un levantamiento de aspectos del comportamiento sexual de académicos de cursos del área de la salud en una universidad del sur de Brasil (UNISC), identificando los riesgos de su comportamiento sexual. Los autores concluyen afirmando la importancia de la implementación de acciones educativas específicas dirigidas a los universitarios visando la disminución de la prevalencia de comportamientos sexuales de riesgo en esta población.

Palabras Clave: sexualidad; universitarios; comportamientos de riesgo; IST; embarazo no deseado

Abstract: It is even observed among university students that many young people are exposed to a variety of risky sexual behavior, such as unprotected sex, exposing themselves to unwanted occurrences such as sexually transmitted infections (STIs) and unplanned pregnancies, among others. This study presents a review of the recent literature on the subject, as well as a survey of aspects of the sexual behavior of academics of health courses at a university in the south of Brazil (UNISC), identifying the risks of their sexual behavior. The authors conclude affirming the importance of implementing specific educational actions aimed at university students aiming at reducing the prevalence of sexual risk behaviors in this population.

¹ Médica ginecologista e sexóloga. Mestre em Desenvolvimento Regional (UNISC). Professora no Curso de Medicina da UNISC (2006-2016).

² Médico psiquiatra. Doutor em Filosofia (PUCRS). Mestre em Psicologia (UFRGS). Professor Adjunto no Curso de Medicina da UNISC.

Keywords: sexuality; College students; risk behaviors; IST; unwanted pregnancy

INTRODUÇÃO

A sexualidade humana é conceituada como um conjunto de expressões ou comportamentos do ser humano que operam de modo a influenciar todo o ciclo de vida, estando relacionada a fatores biológicos, psicológicos e sociais, dentre estes a procriação e a auto-afirmação social e individual. Reconhecidamente, a sexualidade não deve ser tratada de maneira isolada de outros aspectos socioculturais, pois é um processo contínuo e ininterrupto, que recebe influências históricas, fisiológicas, culturais, emocionais e ambientais.

Apesar de ser um assunto de suma importância para a formação do indivíduo, a sexualidade continua sendo um tema repleto de tabus, mitos e preconceitos. Dessa forma, muitos jovens iniciam sua vida sexual sem antes possuir conhecimento adequado sobre a temática e se expõem a diversos fatores de risco, como sexo desprotegido, infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e gravidez indesejada.

O meio acadêmico é conhecido por ser disseminador de informações, nas quais a temática da sexualidade humana também está inserida. As referências bibliográficas elencadas ao longo do presente artigo evidencia a publicação, nos últimos dez anos, de muitos trabalhos realizados no Brasil e em Portugal investigando a prática de sexo seguro entre universitários, bem como prevenção de ISTs e gravidez indesejada. Apesar de no meio acadêmico haver maior acesso a informações acerca da sexualidade humana e dos fatores de exposição às possíveis consequências de práticas sexuais de risco, estas pesquisas evidenciam a presença de comportamento sexual de risco em um número significativo de acadêmicos. Evidencia-se assim a relevância do estudo do perfil do comportamento sexual da população universitária, especialmente por esta se encontrar em um período de transição em sua vida no que diz respeito à consolidação do comportamento social e sexual. Dessa forma, estudar o comportamento sexual do acadêmico possibilita um melhor conhecimento sobre os tipos de exposição de risco a que está sujeita esta população. À medida que estes riscos são evidenciados, torna-se possível a concepção de ações que visem amenizar esta exposição e promover comportamentos mais seguros.

Os estudos acerca do comportamento sexual da população acadêmica, representados parcialmente pelos artigos que serão referidos, revelam que, apesar de tratar-se de pessoas de maior nível intelectual, ainda entre elas se faz necessária a implantação de políticas

educacionais no âmbito da sexualidade. Os acadêmicos que frequentam os cursos das ciências da saúde não apresentam garantia de conduta sexual segura, sendo imprescindível avançar em ações educativas para que assumam a necessidade de se proteger efetivamente contra as doenças sexualmente transmissíveis e para que realizem práticas sexuais saudáveis e seguras.

O presente artigo tem como objetivo apresentar um estudo de aspectos do comportamento sexual de acadêmicos de cursos da área da saúde em uma universidade do sul do Brasil (UNISC), identificando os riscos do seu comportamento sexual. Procura também realizar uma estimativa inicial do possível impacto do acesso ao conhecimento da sexualidade obtido na universidade sobre o comportamento sexual destes universitários entre o segundo e o sexto semestre dos cursos da área da saúde.

SIS E SEXUALIDADE

Além do acima exposto, a publicação deste artigo no Boletim Entre SIS realiza também um registro da atenção que o tema da sexualidade tem recebido regularmente no trabalho realizado no SIS, como pode ser observado pelo exame das edições impressas que antecederam este atual Boletim. A inspiração para realização deste levantamento partiu da vivência dos autores com este tema no SIS durante muitos anos, no trabalho com pacientes e estudantes de graduação da UNISC. Dela resultou a realização do Projeto de Extensão “Educação sexual: formando redes de socialização”, entre os anos de 2011 e 2016. O projeto incluiu a realização de atividades dirigidas à capacitação de professores para o trabalho com a sexualidade e a capacitação de acadêmicos para realização de oficinas sobre sexualidade com adolescentes no ambiente escolar. Um registro do trabalho realizado encontra-se apresentado em duas publicações realizadas durante o Projeto. (JUCÁ & BOFF, 2013; BOFF *et. al.*, 2013)

Foi esta experiência com o trabalho sobre a sexualidade no ambiente do SIS que originou o interesse dos autores em buscar avançar no conhecimento deste aspecto da vida dos universitários, o que levou a desenhar-se o trabalho aqui apresentado.

MÉTODO

O levantamento realizado constitui um estudo descritivo, de corte transversal, com coleta de dados a partir da aplicação de um questionário específico, com características qualitativas e quantitativas (ANEXO A). O questionário foi aplicado a acadêmicos dos cursos de Educação Física, Enfermagem, Fisioterapia, Nutrição, Medicina, Odontologia e Psicologia da

Universidade de Santa Cruz do Sul - RS. Foram incluídos os acadêmicos maiores de 18 anos, devidamente matriculados e cursando o segundo e sexto semestre destes cursos da área da saúde, que concordaram em participar do estudo demonstrando essa decisão através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os dados foram coletados utilizando-se um formulário específico contendo dados de identificação como idade, sexo, curso de graduação e semestre de cada participante, além de questionário previamente estruturado, com 36 questões fechadas e pré-codificadas, referentes às práticas sexuais e métodos de anticoncepção utilizados pelos participantes. O questionário foi aplicado por estudantes de medicina e enfermagem orientados pelos pesquisadores para a realização do estudo. Este estudo foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNISC pelo parecer nº 930.246, tendo sido seus resultados apresentados no VI Encontro de Sexualidade Humana, realizado na UNISC em novembro de 2015.

O instrumento da coleta de dados foi construído pelos proponentes da pesquisa por meio da leitura de artigos sobre o tema e de questionários aplicados para finalidades semelhantes, tendo sido inicialmente validado por meio de estudo-piloto com duas turmas de graduação, uma do curso de Medicina e outra do curso de Enfermagem. Durante o processo de validação foi analisado o conteúdo do questionário e sua auto-aplicabilidade (grau de compreensão das questões), onde este foi considerado de fácil auto-aplicação. A seguir, 340 questionários foram aplicados, sendo os resultados sumarizados a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Oitenta por cento dos respondentes eram do sexo feminino, o que possivelmente reflete a predominância de mulheres nos cursos da área da Saúde nesta Universidade (Educação Física, Enfermagem, Fisioterapia, Nutrição, Psicologia, Medicina e Odontologia). Cerca de quarenta por cento dos respondentes cursavam o segundo semestre e sessenta por cento o sexto semestre dos seus cursos, encontrando-se 74% deles na faixa etária dos 18 aos 25 anos.

Quanto ao estado civil declarado, observou-se aumento, entre o segundo e o sexto semestre, do número dos respondentes que se declararam casados (2,6% para 3,9%), morando com companheiro(a) (0,3% para 5,7%) ou em união estável (1,7% para 3,9%), observando-se uma tendência para o estabelecimento de relacionamentos estáveis entre o segundo e o sexto semestre do curso universitário.

Quanto às fontes principais de informações sobre comportamentos sexuais de risco antes do ingresso na universidade foram referidas a escola (71% dos respondentes) e os pais (50%

dos respondentes). Essa abertura para conversa sobre sexualidade com os pais mostrou-se próxima à encontrada em uma amostra de estudantes universitários da área da saúde em Belém do Pará, onde a abertura do ambiente familiar para o tema sexualidade foi avaliado pelos respondentes como muito fechada (10,5%), fechada(31,4%), nem fechada nem aberta (30,2%), aberta (17,4%) e muito aberta (10,5%). (TEIXEIRA, 2018)

Maior acesso a estas informações após o ingresso na universidade foi reconhecido por 74,2% dos respondentes. É interessante observar que nossa amostra apresenta universitários da área da saúde, que provavelmente têm maior acesso a informações referentes à sexualidade em relação aos alunos de outros cursos. Um estudo com universitários no Rio de Janeiro avaliou que os estudantes da área de saúde tinham um conhecimento cerca de 10% maior a respeito de infecções sexualmente transmissíveis em relação aos estudantes dos outros cursos. (FONTE, 2018)

Quanto à iniciação sexual, apenas 1,9% dos acadêmicos do sexto semestre não haviam tido relações sexuais, tendo ocorrido na maior parte dos casos a iniciação sexual dos 12 aos 15 anos (33,5%) ou dos 16 aos 20 (55,8%), geralmente com namorado(a) (66,8%), com uso de preservativo masculino (76,8%), ocorrendo na maioria das vezes por apaixonamento (42,5%) ou por consentimento mútuo (31,5%). Maior prevalência da iniciação sexual entre 14 e 18 anos (57,9%) foi encontrada entre jovens universitários de Maringá – PR (TOMIYOSHI, 2016) e entre 16 e 18 anos de idade (56,94%) em uma amostra de universitários no Rio de Janeiro. (NASCIMENTO, 2018) Um estudo entre universitários de Rio Grande – RS, encontrou idade de iniciação sexual possivelmente um pouco mais precoce, ocorrendo em 54,4% dos casos entre 15 e 17 anos. (MOREIRA, 2016)

Ocorrência prévia de prática sexual com pessoa do mesmo sexo foi confirmada por 6,2% dos respondentes. Esta porcentagem fica próxima à encontrada em universitários de Brasília, que foi de 7,7%. (PEREIRA, 2018)

Quanto ao uso de métodos anticoncepcionais, observa-se que os métodos mais frequentemente empregados são a anticoncepção oral (44%) e o preservativo masculino (17,3%). As respostas referentes ao uso do preservativo masculino apresentaram certa discrepância entre as diferentes questões, pois 17,2% afirmaram usá-lo como anticonceptivo atual, enquanto 31% afirmaram usá-lo sempre e 32% eventualmente. Quanto a ter usado preservativo, masculino ou feminino, na última relação sexual, 42% afirmaram tê-lo feito. Esta porcentagem é semelhante à encontrada entre universitários em Rio Grande – RS (41,5%) (MOREIRA, 2016) e maior do que a encontrada entre acadêmicas de Campo Grande – MS, onde foi de 30,74%. (FERREIRA, 2018)

Uma possível explicação para esta discrepância nas repostas no nosso levantamento é que estes números indiquem a presença do uso do preservativo não predominantemente como método anticoncepcional mas sim como meio de prevenção de ISTs. A porcentagem de acadêmicos que afirmou usá-lo sempre (31%) é bastante próxima da encontrada em um estudo realizado com acadêmicos de Odontologia da Universidade Federal do Piauí no qual esta porcentagem foi de 37%. (MOTA, 2018) Porcentagens mais altas foram referidas por estudantes dos cursos da área da saúde em uma universidade Belém do Pará, onde 74,4% afirmaram ter usado preservativo na última relação sexual e 45,3 % afirmaram utilizá-lo sempre. (TEIXEIRA, 2018) Por outro lado, 63,1% de uma amostra de estudantes universitários de Montes Claros – MG declarou utilizar preservativo nas relações sexuais raramente ou nunca. Os autores relatam que porcentagens ainda maiores desta resposta foram encontradas entre universitários pernambucanos e em outras amostras em universitários mineiros. (LIMA, 2017) Estes achados evidenciam a importância do trabalho com os fatores culturais e educacionais locais para a implementação eficiente da prática de evitação de comportamentos sexuais de risco.

Quanto ao uso da pílula do dia seguinte, 51% afirmaram já ter feito uso, uma porcentagem muito próxima à de 47,78% verificada entre acadêmicas de cursos da área da saúde em Campo Grande - MS (FERREIRA, 2018), o que também sugere uma alta frequência de não uso do preservativo.

A mãe (30%) e os profissionais da saúde (30%) foram as primeiras fontes de informação sobre métodos anticoncepcionais, que geralmente são adquiridos em farmácias, sendo que apenas 5,58% dos respondentes informaram recebê-los em serviço público de saúde.

Quanto ao comportamento de “ficar” com alguém, 14,5% informaram sair à noite com o objetivo de procurar alguém para “ficar”; nesta situação, a maioria (75%) referiu ter relação sexual com apenas uma pessoa numa noite; álcool foi utilizado por 25% dos respondentes como estímulo para “ficar” com alguém. Este último comportamento foi mais frequente nos acadêmicos no sexto semestre (17,1%, contra 7,9% no segundo semestre). Esta observação é concordante com um estudo que comparou comportamentos de risco entre estudantes da área de saúde do primeiro e do último semestre do curso, observando um aumento da frequência dos comportamentos de risco à saúde do início ao final do curso, incluindo diminuição do uso de preservativo no mês anterior à resposta ao questionário. (CAMPOS, 2016) Esta tendência de diminuição do uso de preservativos entre os alunos ao final do curso foi também observada em universitários de Pernambuco. (FRANCA, 2008) Um estudo realizado com estudantes de uma universidade da região metropolitana de Porto Alegre – RS encontrou que o comportamento de

sair à noite para “ficar” com alguém foi menos prevalente entre os estudantes de Psicologia (40%) em relação aos estudantes de Medicina (70,3%), Administração (83,6%), Direito (86,4%) e Odontologia (95,1%). Verificou-se também uma associação estatisticamente significativa entre o avanço da idade e o aumento do número de pessoas com que o aluno já “ficou” em uma noite. (MENEZES & BORSSATO, 2010)

A respeito de ocorrência de gravidez, abortos e ISTs, foi relatada a ocorrência de gravidez não programada (13,5% dos respondentes), aborto (2,4%) e ISTs (4%). Um estudo com jovens de uma universidade da região Sul do Brasil verificou que 16,7% já haviam apresentado gravidez. (FAÉ, 2011) Em uma amostra de universitários da cidade de São Paulo, com dados colhidos em 2005, foi encontrada uma história de gravidez em 7,99% dos respondentes. (SANT`ANNA, 2008) Dados colhidos também em 2005 com universitárias da área da saúde no Ceará encontraram esta história em 5,29% das respondentes. (FALCÃO JÚNIOR, 2007) Observa-se aqui também a importância das variáveis socioculturais locais na determinação da ocorrência de gravidez entre universitárias.

Disfunções sexuais foram relatadas por 49% dos respondentes, sendo as mais frequentes dor na relação (19%), falta de desejo (18,5%), falta de orgasmo (15%) e falta de lubrificação (12%), o que indica uma maior frequência de queixa de disfunção sexual entre respondentes do sexo feminino. A satisfação nas relações sexuais e com a própria vida sexual aumentou do segundo semestre (30,9%) para o sexto semestre (52,1%).

Indagados a respeito de atividades que poderiam motivar a prática de sexo seguro, com maior frequência foram referidas palestras (48%), orientação médica (45%), rodas de conversa (37%), distribuição de preservativos na universidade (36%) e aconselhamento psicológico (32%).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em estudos realizados com universitários brasileiros e publicados em 2007 constata-se que autores já haviam observado que “[É] relevante a porcentagem de estudantes que ainda têm uma conduta de sexo inseguro, mostrando que ser universitária e frequentar cursos de ciências da saúde não são garantia de comportamento sexual seguro” (MOSER, 2007), e que “há necessidade de mudanças na atitude dos futuros profissionais de saúde, seja na maneira atual de ensino, seja no modo de oferecer suporte para que estes realmente entendam a importância e necessidade das práticas sexuais seguras, associadas ao uso de anticoncepcionais”. (LEITE, 2007) Exatamente dez anos depois é possível “concluir que mesmo lidando com pessoas de um

maior grau de escolaridade, ainda se faz necessária a implantação de políticas educacionais quando se diz respeito à sexualidade, visando à orientação desses jovens acadêmicos quanto às práticas sexuais seguras (...). (FLORES, 2017)

Esta preocupação atual não é exclusivamente brasileira. Também há cerca de dez anos estudos realizados na Espanha e Portugal mostravam a necessidade de intervenções dirigidas a diminuir comportamentos de risco entre universitários, sendo considerado que “torna-se urgente a implementação de estratégias de intervenção adequadas e vontade política na inclusão dos jovens nestas mesmas intervenções – ‘são os jovens que sabem quais são as pequenas ações que os protegem’, por isso é importante a sua participação e liderança em todos os programas preventivos”. (MARTINS, 2008) Estudo com universitários portugueses realizado em 2010 levou os autores a concluir que “[É] imprescindível tornar os jovens mais responsáveis e mais atentos quanto aos cuidados com a sua saúde sexual, bem como com a dos seus parceiros”. (REIS, 2012)

Desenvolvimento de procedimentos de intervenção educativa no comportamento sexual de jovens universitários tem sido implementado em Portugal (OLIVEIRA, 2017) e no Brasil (SPINDOLA, 2017) O presente artigo pretende constituir mais um estímulo para o desenvolvimento teórico e prático destas intervenções, já que sua necessidade resta sobejamente demonstrada pelos dados aqui apresentados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOFF, A.A.; JUSTEN, A.P.; DEUFEL, C.; CAUDURO, P.B. (2013) Projeto de extensão “Educação sexual: formando redes de socialização”. In: MENEZES, A.L.T. & HELFER, C.L.L. (Orgs.) *Ensino e extensão: formação e socialização do conhecimento*. p. 16-27. Santa Cruz do Sul: EDUNISC. www.unisc.br/edunisc ISBN 978-85-7578-366-5

CAMPOS, L. *et al.* (2016) Condutas de saúde de universitários ingressantes e concluintes de cursos da área da saúde. *Rev. Bras. Pesq. Saúde*, 18(2), 17-25.

FALCÃO JÚNIOR, J.S.P. *et al.* (2007) Perfil e práticas sexuais de universitários da área da saúde. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 11(1), 58-65.

FAÉ, A.S. *et al.* (2011) Planejamento familiar: escolhas contraceptivas e comportamento sexual entre alunas de uma universidade no sul do Brasil. *Revista da AMRIGS*, 55(2), 147-154.

FERREIRA, J.B. *et al.* A prática do uso da anticoncepção de emergência em jovens universitárias de um instituição privada de Campo Grande – MS. (2018) *São Paulo: Revista Recien (Revista Científica de Enfermagem)*, 8(22): 3-13.

- FLORES, C.A.S. *et al.* (2017) Hábitos sexuais e prática contraceptiva dos acadêmicos de uma universidade pública no norte do Mato Grosso. *Saúde (Santa Maria)*, 43(1), 104-111.
- FONTE, V.R.F. *et al.* Jovens universitários e o conhecimento acerca das infecções sexualmente transmissíveis. *Esc Anna Nery*, 22(2), e20170318.
- FRANCA, C. da & COLARES, V. (2008) Estudo comparativo de condutas de saúde entre universitários no início e no final do curso. *Rev. Saúde Pública*, 42(3), 420-427.
- JUCÁ, R.B.; BOFF, A.A.; BORGES, D.T.; SANTOS, F.Z.; SBROGLIO, L.L.; MÜLLER, L.A. (2013) Educação sexual de adolescentes: experiência de um projeto de extensão na universidade. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 24, p. 13.
- LEITE, M.T.F. *et al.* (2007) Saber e prática contraceptiva e prevenção de DST/HIV/AIDS em universitários da área da saúde. *Rev. Bras. Enferm.*, 60(4), 434-438.
- LIMA, C.A.G. *et al.* (2017) Prevalência e fatores associados a comportamentos de risco à saúde em universitários no norte de Minas Gerais. *Cad. Saúde Colet.*, 25(2), 183-191.
- MARTINS, A.T.M.C. *et al.* (2008) Fontes de informação, conhecimentos e uso do preservativo em estudantes universitários do Algarve e de Huelva. *Psico*, 39(1), 7-13.
- MENEZES, H.S. & BORSSATO, F. (2010) Comportamento afetivo de universitários de uma instituição privada. *Revista da AMRIGS*. 54(1), 49-58.
- MOREIRA, *et al.* (2016) Uso de preservativos na última relação sexual entre universitários: quantos usam e quem são? *Ciência & Saúde Coletiva*. 23(4), 1255-1266.
- MOSER, A.M. *et al.* (2007) Comportamento sexual de risco entre estudantes universitários dos cursos de ciências da saúde. *Rev. Assoc. Med. Bras.*, 53(2), 116-121.
- MOTA, V.B. (2018) *Conhecimento sobre HIV/AIDS, práticas clínicas e sexuais de estudantes de Odontologia*. Dissertação de Mestrado em Odontologia. Centro de Ciências da Saúde. Campus Ministro Petrônio Portela. UFPI. URI: <http://hdl.handle.net/123456789/938>
- NASCIMENTO, B.S. *et al.* (2018) Comportamento sexual de jovens universitários e o cuidado com a saúde sexual e reprodutiva. *Enfermeria Global*. 49, 248-258.
- OLIVEIRA, A.C.G.D.P.C. *et al.* (2017) Impacto de um programa de intervenção educativa nos comportamentos sexuais de jovens universitários. *Revista de Enfermagem*, IV(13), 71-82.
- PEREIRA, E.C.L. *et al.* (2018) Jovens universitários da área da saúde são vulneráveis ao HIV. *Tempus, actas de saúde colet, Brasília*. 11(2), 41-52.
- REIS, M. *et al.* (2012) Os comportamentos sexuais dos universitários portugueses de ambos os sexos em 2010. *Rev. Port. Saúde Pública*. 30(2), 105-114.
- SANT'ANNA, M.J.C. *et al.* (2008) Comportamento sexual entre jovens universitários. *Adolescência & saúde*, 5(2), 52-56.

SPINDOLA, T. *et. al.* (2017) Dialogando com estudantes universitários sobre as infecções sexualmente transmissíveis. *Interagir: Pensando a Extensão, Rio de Janeiro*. 24: 60-68.

TEIXEIRA, R.C. *et. al.* (2018) Uso de preservativos por alunos de cursos da saúde em um universidade pública. *Semina: Ciências Biológicas e da Saúde, Londrina*, 39(1) , 85-90.

TOMIYOSHI, M.M. *et. al.* (2016) Avaliação do perfil epidemiológico e comportamental de estudantes de ensino superior em centro universitário privado de Maringá em relação à sexualidade e práticas de risco para doenças sexualmente transmissíveis. *Revista Uningá*. 47: 24-29.

ANEXOS

Anexo A – Questionário: Comportamento Sexual dos Universitários

- 1. Identificação (IDENTIF):** () 1. Masculino () 2. Feminino
- 2. Idade (IDADE):**.....
- 3. Qual seu estado civil (ESTCIVIL)?**
- () 1. Solteiro(a)
 () 2. Casado(a)
 () 3. Mora com um(a) companheiro(a)
 () 4. Separado(a) / divorciado(a) / desquitado(a)
 () 5. Viúvo(a)
 () 6. União estável
- 4. Curso (CURSO):**
- () 1. Psicologia
 () 2. Fisioterapia
 () 3. Enfermagem
 () 4. Medicina
 () 5. Nutrição
 () 6. Odontologia
 () 7. Educação Física
- 5. Semestre:** () Segundo () Sexto
- 5. Antes de entrar na universidade, você teve acesso a informações sobre sexualidade através de:**
- () Pais () Amigos () Escola () Internet () Mídia () Serviços de Saúde () Outros
- 6. Antes de entrar na universidade, você teve acesso a informações sobre riscos do comportamento sexual (DSTs, gestação não planejada e violência) através de:**
- () Pais () Amigos () Escola () Internet () Mídia () Serviços de Saúde () Outros
- 7. Após entrar na universidade, você teve mais acesso a informações sobre sexualidade?**
- () Não
 () Sim, no currículo regular () Sim, informalmente
- 8. Já teve relações sexuais (RELSEX)?** () 1. Sim () 2. Não
- 9. Qual sua idade na 1ª Relação Sexual (IDRELSEX):**.....
- 10. Com quem (COMRELSEX)?** () 1. Amigo(a) () 2. Namorado(a) () 3. Conhecido(a) () 4. Desconhecido(a) () 5. Familiar
- 11. Qual o cuidado contraceptivo escolhido na 1ª relação sexual (RELSEXAC):**
- () 1. Nenhum
 () 2. Preservativo masculino
 () 3. Pílula
 () 4. Coito interrompido
 () 5. Sexo anal
 () 6. Sexo oral
 () 7. Outro. Qual?
- 12. Qual o motivo para sua primeira relação sexual (RELSEXMOT):**
- () 1. Decisão por consentimento mútuo
 () 2. Apaixonamento
 () 3. Por acaso
 () 4. Pressionado
 () 5. Curiosidade
 () 6. Outro Qual?
- 13. Você já teve prática sexual com alguém do mesmo sexo? () Sim () Não**

- 14. Relacionamento sexual atual (RELSEXNOW):** () 1. Namoro () 2. Ficante () 3. Morando junto () Casamento () Nenhum
- 15. Qual seu cuidado contraceptivo atual (ACNOW):**
 () 1. Nenhum
 () 2. Preservativo masculino
 () 3. Preservativo feminino
 () 4. Anticoncepção hormonal
 () 5. Coito interrompido
 () 6. Sexo anal
 () 7. Sexo oral
 () 8. Outro. Qual?
- 16. Usa preservativo masculino (PRESMASC)?** () 1. Sim, sempre () 2. Sim, às vezes () 3. Não
- 17. Usa preservativo feminino (PRESFEM)?** () 1. Sim, sempre () 2. Sim, às vezes () 3. Não
- 18. Usou preservativo (masculino ou feminino) em sua última relação sexual?** () 1. Sim () 2. Não
- 19. Já usou pílula do dia seguinte (PILSEG)?** () 1. Não, nunca () 2. Sim, uma vez () 3. Sim, várias vezes
- 20. Qual foi sua primeira fonte de informação sobre os métodos anticoncepcionais (INFORM):**
 () 1. Profissional de saúde () 2. Folhetos/livros () 3. Mídia () 4. Mãe
 () 5. Pai () 6. Internet () 7. Professores () 8. Outro. Qual?
- 21. Forma de obtenção dos métodos (FONTEAC):** () 1. Compra em farmácia () 2. Recebe no serviço de saúde
 () 3. Outro. Qual?
- 22. Costuma sair à noite para procurar alguém para ficar?** () 1. Sim () 2. Não
- 23. Número máximo de pessoas com que ficou em uma única noite:**
- 24. Número máximo de pessoas com que teve relação sexual em uma única noite:**
- 25. Já utilizou drogas como estímulo para ficar com alguém?** () 1. Sim, álcool () 2. Sim, outra. Qual?
 _____ () 2. Não
- 26. Motivo pelo qual tem ou já teve relação sexual:**
 () 1. Por autoafirmação
 () 2. Por vaidade (prazer da conquista)
 () 3. Por dinheiro ou necessidade material
 () 4. Sem amor, só atração
 () 5. Por vingança (por ter sido traído(a))
 () 6. Por paixão
 () 7. Outro motivo. Qual?
- 27. Você ou sua parceira já engravidou?** () 1. Sim () 2. Não
- 28. Programou a gravidez?** () 1. Sim () 2. Não () 3. Nunca engravidei
- 29. Aborto?** () 1. Sim () 2. Não
- 30. Provocado?** () 1. Sim () 2. Não () 3. Nunca sofreu aborto
- 31. Já teve doenças sexualmente transmitidas?** () 1. Sim. Qual? _____ () 2. Não
- 32. Atualmente apresenta ou já apresentou alguma dessas situações?**
 () 1. Falta de desejo
 () 2. Dor na relação
 () 3. Falta de ereção
 () 4. Falta de lubrificação
 () 5. Falta de orgasmo
 () 6. Ejaculação rápida
 () 7. Nenhuma dessas situações
- 33. Tem satisfação nas relações sexuais?** () 1. Sim, sempre () 2. Sim, às vezes () 3. Não
- 34. Você está satisfeito com sua vida sexual?** () 1. Sim () 2. Não
- 35. Em sua opinião, o que poderia motivar a prática de sexo seguro:**
 () Distribuição de preservativos na universidade () Palestras () Folhetos () Cursos
 () Rodas de conversa () Aconselhamento psicológico () Orientação médica